

CAPÍTULO 16

O LABORATÓRIO QUE CONSTRUI E DOEI PARA A UNESP

É provável que no futuro os historiadores do Brasil relatem que os anos 80 talvez tenham sido os mais difíceis economicamente para o nosso país, uma vez que os economistas já os caracterizam como “a década perdida” do século 20. Inacreditavelmente, foi justamente nesta controversa década que ocorreu a melhor fase da minha produção científica, com várias publicações de pesquisas feitas no Centro de Referência de Hemoglobinas, participações em inúmeros eventos científicos, estágio no centro de microcitemia de Roma, obtenção dos títulos de professor-livre docente e titular junto à Unesp, edição do meu primeiro livro, convite para participar como pesquisador da Organização Mundial da Saúde, além de promover anualmente o tradicional curso de hemoglobinopatias na Unesp de Rio Preto.

Em nosso acanhado espaço de laboratório com 12 metros quadrados, além de produzir ciência de qualidade, recebíamos, também, estagiários de várias cidades brasileiras e do exterior. Apesar de toda a divulgação que nossas pesquisas ofereciam à comunidade científica e à mídia, tínhamos dificuldades em sensibilizar a Unesp para nos dar um espaço maior para trabalhar. Acredito que boa parte desta dificuldade se devia aos poucos recursos financeiros da universidade. Apesar do enorme tamanho do prédio do nosso campus, toda a sua estrutura era ocupada por salas de aulas, laboratórios didáticos, biblioteca, gabinetes de professores e várias outras dependências administrativas. Porém, o terreno do campus era enorme e com áreas disponíveis para ampliações. No fundo do campus havia um esboço de alicerces de um pretense prédio onde administrações anteriores tentaram destinar ao diretório acadêmico, mas os estudantes preferiram ficar numa salinha apertada do prédio principal. Frequentemente eu passava em frente a esta “quase futura ruína” de alicerces já circundada por mato alto, até que um dia interessei-me por olhar o que era aquilo. Os alicerces encontravam-se em bom estado e mostravam dimensões interessantes: 22 metros de comprimento por 5 metros de largura, ou seja, 110 metros

quadrados. Analisei suas divisões e conclui que esse espaço continha uma área de 90 metros quadrados, onde imaginei instalar o laboratório, e outras possíveis dependências que poderiam abrigar um gabinete de estudo, um hall de entrada e um banheiro, totalizando os 20 metros quadrados restantes. Passei alguns dias sonhando em fazer o Centro de Referência de Hemoglobinas em cima daqueles alicerces, que tecnicamente representavam 20% da construção. Mas havia dois enormes problemas a serem resolvidos: a obtenção da licença administrativa do campus para ocupar aquela “quase ruína” e dinheiro para uma eventual construção, incluindo engenheiro, pedreiro, servente de pedreiro e recolhimento de INPS (atual INSS). Conversei com meu pai, que tinha experiência em construções, e ele pôs mais lenha na fogueira dos meus sonhos ao dizer:

– Eu dou os tijolos para a construção!

Pensei qual seria a melhor maneira de solicitar aquele espaço à administração. Por conta disso fui procurar o diretor, professor Alfredo Coelho¹, uma figura imponente, sempre cavalheiro no trato com as pessoas e que mostrava simpatia pelas pesquisas que fazíamos. Ao propor-lhe a construção de um laboratório com 110 metros quadrados numa área abandonada do campus e que a mesma seria feita com recursos financeiros próprios, ele levantou-se da cadeira, deu uma volta pela sala e disse:

– Eu conheço a área que você está requisitando. Realmente ela está abandonada e não temos nada projetado para ocupá-la. Poderia destiná-la a você desde que a responsabilidade da construção fosse totalmente sua. Concorda?

– Siiiiim!

Sai da diretoria com a cabeça a mil e como deveria, outra vez, pôr dinheiro do meu bolso, precisava contar toda essa história para a Alia, que se mostrou preocupada:

– E se não der certo?

– Vai dar! – respondi, pensando: “tem que dar certo”.

– Mas como você conseguirá o dinheiro para construir o laboratório?

– Vendendo aparelhinhos de eletroforeses e pedindo ajuda a empresários e amigos.

Desde 1981 eu fazia parte da diretoria do clube Monte Líbano de Rio Preto,

e o presidente da diretoria era o empresário Nelson Silva², um dos meus melhores amigos. Pessoa elegante, de bom trato com as pessoas e um político de extraordinária habilidade. Dias depois de receber o aval do diretor da Unesp para a construção do laboratório, eu me encontrei com o Nelsinho (era assim que eu o chamava) e contei a respeito do meu propósito em construir um laboratório à minha custa.

– Como você vai fazer isto, Paulinho... (a fala dele era sempre pausada, às vezes com várias pausas)?

Contei-lhe que venderia equipamentos que eu inventava e que daria cursos em todo o Brasil para pagar as despesas. À medida que explicava o meu plano, notei que ele ia ficando meio que horrorizado com o que estava escutando.

– Mas como...? O estado não tem como fazer o laboratório...?

Sabia que ele admirava os programas de prevenção de anemias que eu fazia junto à população, e após um longo silêncio ele disse:

– Paulinho... Fique tranquilo... Vou ver o que consigo para você...

Na semana seguinte, antes de uma reunião da diretoria do clube Monte Líbano, ele me chamou de lado e perguntou:

– Quantos metros quadrados de telhado você vai precisar...?

– Mas já?

– Sim... O fulano de tal... me deve um favor... e eu vou pedir o telhado para ele...

Os serviços de pedreiro e servente foram pagos com a venda de cubas e fontes de eletroforese para mais de 50 laboratórios. Cimento, areia, piso, tinta e fios elétricos eu consegui junto a empresários, amigos e parentes³. As enormes janelas com esquadrias de ferro eu as obtive de uma sucata da própria faculdade, pois as mesmas repousavam há anos à sombra de uma frondosa paineira. O engenheiro Pedro Abílio Cury, primo e responsável por construções minhas e da minha família, fez todo o projeto gratuitamente.

Por volta de janeiro de 1984 acabou o dinheiro das vendas de cubas e fontes de eletroforeses. O Nelsinho já tinha feito todas as cobranças de favores e, por fim, bateu a preocupação! O pedreiro e seu ajudante teriam de ser dispensados bem no momento em que chegávamos à fase de acabamento. Foi quando apareceu a luz através de um colega e amigo, o professor Benedito de Oliveira⁴, que

ao encontrar-me perguntou:

- Ô Naoum, você já retirou o seu PIS/Pasep⁵ do Banco do Brasil?
- Quê? – respondi. Eu tinha esquecido completamente que existia isto.
- Eu retirei hoje 50 mil cruzeiros a que eu tinha direito. Você nunca retirou???? Faz quanto tempo que você é funcionário público?
- Quinze anos – respondi.
- Nooossa!!! Acho que você terá mais de 150 mil cruzeiros para retirar, pois os 50 mil que retirei se referem a cinco anos.

E assim, com os 150 mil cruzeiros do PIS/Pasep eu pude terminar a construção do laboratório e inaugurá-lo no dia 22 de maio de 1984. Na festa de inauguração estavam a minha família, políticos do momento, amigos, colegas, diretor e representante do reitor da Unesp, alunos e ex-alunos, Nelsinho e toda a diretoria do clube Monte Líbano. Uma colega da botânica, a professora Héstia Tenfuss Campbell, sempre muito brincalhona, me chamou de lado e disse:

- Ô turquinho! Esta tua raça não faz nada de graça. O que você está aprontando? – e demos risadas do tipo “deixa pra lá”.

Cinco anos depois tornei-me diretor da Unesp de Rio Preto – mas esta é uma história que será contada no capítulo 18.

Glossário deste capítulo

¹ Alfredo Leme Coelho de Carvalho: graduado em letras, pós-graduado pela universidade de Iowa, Estados Unidos, professor titular pela Unesp na área de literatura americana, escritor, diretor da Unesp de Rio Preto no período de 1983 a 1987, autor de vários livros de literatura em acervos de bibliotecas de 20 países.

² Nelson Aparecido Silva: conceituado empresário e político de São José do Rio Preto. Durante a “década perdida” construiu a magnífica sede do clube Monte Líbano de São José do Rio Preto com 7 mil metros quadrados de construção em concreto, sem aumentar as mensalidades dos associados. É nome de rua em São José do Rio Preto, e com justiça o salão principal do referido clube tem o seu nome.

³ Empresários, amigos e parentes que ajudaram a construir o laboratório no campus da Unesp de São José do Rio Preto: Adélia Cury Naoum, Ademir Rodrigues, Almir Brambila, Alia Fernandes Maluf Naoum, Anésio José Vetorazzo, Boutros Naoum, Claudia Regina Bonini Domingos, Cleuzenir T. Gomes, Daniel Ferreira de Freitas, Jesus Gregorim, José Costantini, Jorge Buissa, Manoel Francisco Coelho, Marcelo Braga, Mauro Daud, Nelson Aparecido Silva, Orlando Moreira, Paulo Antonio Maziero, Paulo Gunther Windisch e Pedro Garcia.

⁴ Benedito Duarte de Oliveira: biólogo, professor doutor em botânica da Unesp de Rio Preto. Por ter

estudado teologia e filosofia, eu mantinha longas conversas com ele sobre religião, Deus e Universo.

⁵PIS/Pasep: Programa de formação de patrimônio do servidor público. Em 1984 foi permitido que funcionários com mais de 10 anos de serviço público pudessem retirar sua parte. Esse programa arrecada contribuições de empresas para auxiliar os funcionários públicos. Como eu nunca havia retirado esta contribuição, o valor que eu dispunha teria dado para comprar um automóvel popular do ano!